

URURAY PATRIMÔNIO CULTURAL

ENTREVISTADOS:	Mauricio Dias Duarte
Localização da atividade:	Memorial Penha de França
Área de Atuação:	Patrimônio
Data da entrevista:	24/09/2020
Entrevistadores:	Nísia Oliveira e Renata Eleutério – CPDOC Guaianás

BREVE DESCRIÇÃO

O Grupo Ururay é um coletivo de indivíduos interessados na preservação do Patrimônio Cultural da região Leste de São Paulo. Independente, sem fins lucrativos e sem vinculação com instituição privada, pública ou religiosa o Grupo tem como objetivos: o fortalecimento de ações que objetivem a preservação, a apropriação e, conseqüentemente, a valorização dos Patrimônios na região Leste de São Paulo, a articulação de todos os agentes sociais (sociedade civil, órgãos de proteção do patrimônio, escolas, pesquisadores, coletivos) envolvidos, direta e indiretamente, no processo de preservação e utilização dos Patrimônios Culturais.

ENTREVISTADO:

MAURICIO DIAS DUARTE

ENTREVISTA TRANSCRITA:

Nísia Oliveira - CPDOC Guaianás Você é historiador?

Maurício Ururay: Sou. Formação, né. Só que a gente é aqueles historiador meio desgarrado que, sei lá. Eu não considero que eu trabalho na área. Eu tô mais produção, eu acho.

Nísia Oliveira - CPDOC Guaianás Ah, é? E você fez onde?

Maurício Ururay: Fiz na Unifesp. Fiz com Fernando, Fernando fazia sociais lá, Fernando Filho. A gente se conheceu lá. Conhecia ele do CPDOC. Mas aí eu venho de lá, né. Só que aí, também, não terminei a graduação, fiquei quatro ano batendo cabeça, e aí agora que eu tô mais conseguindo trabalhar com isso. Ter o coletivo como trabalho.

Nísia Oliveira - CPDOC Guaianás Eu sou historiadora também.

Maurício Ururay: Ah, é? Você fez aonde?

Nísia Oliveira - CPDOC Guaianás Eu fiz na UFMS. Tenho mestrado na FGV, é (...) tem a FAIND (...) que fica ali na região de Dourados, perto dos Guarani Kaiowá e aí tem essa

questão da terra bem demarcado, (...) Mato Grosso do Sul você chega a ter de uma cidade pra outra, chega a ter 100 km, né, de terra. É... de pasto, né.

Maurício Ururay: Não... e ali é terrível.

Nísia Oliveira - CPDOC Guaianás É, a situação indígena lá é... (...)

Nísia Oliveira - CPDOC Guaianás Sim, eu sou de São Paulo. (...) Meu irmão foi pra lá pra tentar morar lá um tempo. Aí eu aproveitei que tava lá e (...). Aí depois o mestrado fui terminar (...) o mestrado mesmo, que era tudo muito natural. Saí da UFGD lá, de Três Lagoas, cidade pequena, e ir pra Dourados (...)

Maurício Ururay: Coragem! (Risos)

Nísia Oliveira - CPDOC Guaianás Tem que ter muita coragem, né? Porque você lida com questões muito difíceis, né, no dia a dia.

Maurício Ururay: Aqui em São Paulo é meio doido, né, porque eu fiz (...) que teoricamente perto, porque em Guarulhos, mas, por exemplo, da onde eu moro, leva duas horas e meia, três horas. De ônibus. Então era assim, uma... era muito louco porque, às vezes você fala, teoricamente eu moro perto porque o campus (...) o deslocamento em São Paulo... uma maluquice, né, então foi uma graduação muito penosa. Teve um tempo que eu morei lá no (...) mas até morar perto da faculdade era, meu, um castigo. Ter que pegar intermunicipal (...) osso.

Nísia Oliveira - CPDOC Guaianás E você é da onde?

Maurício Ururay: Sou do Sapopemba.

Nísia Oliveira - CPDOC Guaianás Você mora na região do Sapopemba.

Maurício Ururay: É, só que aí na época tinha que pegar um ônibus até o Belém, do Belém até o Brás, do Brás pra São Miguel, de São Miguel o ônibus até (...), uma jornada, assim.

Nísia Oliveira - CPDOC Guaianás E você... E como que você... Você forma em história e aí você atua na área? Como é que é? Você chegou a dar aula?

Maurício Ururay: Então. Depois eu cheguei a pegar aquelas aulas meio obrigatórias, né, da própria graduação lá, pra formação licenciatura e bacharelado, só que aí depois eu termino a faculdade e passo... termino em 2014 - aí já tava fazendo parte aqui dos encontros, né, do Ururay -, só que aí eu passo uns dois, três anos meio difíceis, assim, trabalhando (...) fazendo entrega, fazendo esses corre, né, trabalhando, fazendo um monte de corre pra tentar entrar na área, enquanto isso tentava prestar concurso, tentava, né. E aí o primeiro emprego que eu tive assim, depois de umas ações do coletivo que deu pra tirar alguma remuneração, tipo, a publicação do livro e tal, eu entrei numa editora, fiquei lá uns quatro meses e aí sim eu começo a trabalhar no

coletivo de vez porque a gente consegue o fomento à cultura das periferias, né, em 2018... 2018, e aí eu começo a me envolver mais, assim, ativamente de ficar mesmo. Depois eu me mudo aqui pra Penha, né, e começo a fazer um trabalho mais de território, mesmo, assim de assento, dá uma assentada nessa vontade de trabalhar com isso, me organizo melhor, e aí desde então eu estou aqui, mesmo, assim diariamente fazendo isso.

Nísia Oliveira - CPDOC Guaianás Que bacana. Mas como que cê encontra aí o coletivo? Foi ainda na graduação? Como foi?

Maurício Ururay: Mais ou menos em 2013 quando eu tava no final da graduação, tinha um amigo meu que já tava fazendo parte do começo desses encontros, né. A gente, dentro desse trabalho, a gente localiza dois coletivos mais fortes, né, que era o grupo de... grupo de memória da zona Leste, que tava muito ligada ao trabalho do padre Ticão, lá em Ermelino, sítio Mirim. E um outro grupo é o próprio Movimento Cultural Penha, que tinha um trabalho com a Igreja do Rosário dos Homens Pretos aqui do bairro.

E aí esses dois grupos, eles chamam algumas atividades chamadas... é... como chamava? Seminário sobre o Patrimônio Histórico da zona Leste, e depois virou Seminário sobre Patrimônio Cultural porque aí mudou um pouco a visão. Mas depois desses dois primeiros encontros que a gente teve, um deles a gente convidou o pessoal do IPHAN, (6'0" do x, do Y) ... pra falar como era esse olhar institucional sobre a questão do patrimônio em regiões não centrais, né, falando aqui propriamente da ZL, primeiro tem esse encontro e aí no segundo encontro que a gente tem é mais ligado à pesquisadores, aí chama alguns pesquisadores, alguns atuantes e aí o grupo, ele surge a partir disso. Nesses dois primeiros seminários, e aí o terceiro seminário a gente já faz assim, já como o grupo Ururay, né, a gente fala "ah, tem os pesquisadores que moram aqui no território e que são atuantes, né." Tem a política pública por trás também que, teoricamente faz o seu trabalho com todos os problemas, mas teoricamente eles tão com um olhar sobre o patrimônio histórico, né. E aí o que a gente pode fazer? Como a gente quer puxar algumas experiências de atuação, né, aí a gente chama... acho que na época foi o Sesc, Adesampa e mais um coletivo, Memórias do Brasil, pra falar: e aí, como vocês tão desenvolvendo esse debate sobre a questão patrimonial, né? Seja pelo turismo social, que era um dos eixos. Lá em 2014 tinha uma questão da cota, então a gente também tava nesse debate das transformações urbanas, como tomar um cuidado com isso, né. Então, foi a partir daí que surgiu o coletivo, né, e aí eu começo a participar mais ativamente, né, e a gente passa um primeiro ano de organização mesmo, de organização, de como a gente pode atuar, e aí começa atuando pelo turismo de base comunitária, turismo social, né, esses dois termos. Depois a gente

vai fazer umas outras ações que são trabalhos aqui com as escolas do bairro, né, o propriamente trazer atividades pra Igreja do Rosário dos Homens Pretos, né, que de vez em quando faz ações casadas, só que aí depois passa um tempo e a gente resolve que era necessário ter um primeiro trabalho que seria uma publicação, uma pesquisa um pouco mais de fôlego, pra identificar pelo menos os patrimônios tombados que até então as pesquisas tava muito esparsas, e é difícil de localizar, então fazer um trabalho em cima desses patrimônios tombados e se possível publicar um livro e uma série de ações. Então é ali que eu começo a me localizar dentro do coletivo, né. Eu já estudava na UNIFESP, tinha um amigo que fazia parte do grupo, que era o Lucas, que ele me traz, né, então começa esse trabalho a partir disso, assim. Mas até então não conhecia bem aí não conhecia ninguém da Penha, lá no Sapopemba também, eu era pouco articulado, não conhecia ações culturais lá, passei a conhecer depois, eu era meio fora da cultura, assim, nunca foi muito do debate da cultura, assim, né. Até então...

Nísia Oliveira - CPDOC Guaianás: Que bacana. E aí, isso tudo em 2014, você fala, né?

Maurício Ururay: Isso.

Nísia Oliveira - CPDOC Guaianás: Maurício, qual o seu nome completo?

Maurício Ururay: Maurício Dias Duarte

Nísia Oliveira - CPDOC Guaianás: Sua idade.

Maurício Ururay: Tenho 29.

Nísia Oliveira - CPDOC Guaianás: Bacana. Então 2014, nesse período vocês lançam o livro, é isso?

Maurício Ururay: É, a gente começa nas primeiras articulações, né. A gente consegue um recurso pra publicar o livro, que é uma primeira pesquisa, né, que é aonde a gente começa a de fato organizar o trabalho, em 2016, no final de 2016, aí, nesse trabalho de publicação do livro primeiro a gente chama um painel com coletivos de cultura que eles atuam em patrimônios, ou perto de patrimônios, né. Um dos grupos foi o Movimento Aliança da Praça, lá de São Miguel, que eles tavam do lado da capela de São Miguel. Um outro grupo foi o Grupo Dezenove que é um grupo de teatro que atua dentro da Vila Maria Zélia, a Okupação Coragem, que tava começando também, que tava fazendo essa ocupação dentro da COHAB e... ah! E o pessoal que tava ligado à Igreja do Rosário, que teve como representante o Renato Gama pra fazer o debate. E aí, pra entender mais ou menos, tá: vocês tão do lado do patrimônio, mas tem alguma relação, nem que seja de questionamento? “Ah, essa igreja aí é uma igreja que vai trazer o pensamento da elite, que vai trazer a memória de um bandeirante, sei lá, ou não, ou que teve uma boa assimilação que nem o grupo Dezenove, que tem uma ocupação de teatro num

patrimônio tombado. E aí depois desse painel surgem várias questões, né, dentro do nosso trabalho a gente começa a refletir coisas que a gente não tinha refletido, né, e aí faz um trabalho, assim, pra fazer um mapeamento mesmo das discussões sobre esses territórios que são: a Penha, Itaquera, São Miguel e a Mooca. Dentro desse recorte, né? Porque, enfim, inicialmente a gente tinha um recorte gigantesco, que é a zona leste, né, depois a gente começou a ver que não ia dar conta. Também a gente tinha um, grupo do Ururay, sei lá, patrimônio e desenvolvimento sustentável local na zona leste. Aí não, (ri) e a gente viu que é muita coisa, vamo se ater aqui ao patrimônio cultural, né. E aí, já como o primeiro trabalho era sobre os patrimônios tombados, né, muito focado pra esses patrimônios tombados, foi um mapeamento inicial importante pra gente ter como disparador, né, mas evidente que depois do livro, depois dessa produção do minidocumentário que saiu junto, as questões foram mudando, né. Então a gente deixa de se ater apenas aos patrimônios tombados e vai fazer mais estudos de território mesmo, né. É... sei lá: São Miguel tem uma aproximação com as Mulheres da Gal, tem uma aproximação com o institucional, com o próprio museu lá da capela de São Miguel, né. Vai localizando os territórios de outros lugares também, de importância afetiva, de importância na história do bairro e começar a abordar em cima disso, né. E aí vem sendo o nosso trabalho mais ou menos nos últimos tempos, depois de 2016.

Nísia Oliveira - CPDOC Guaianás Bacana. E dentro desse... o livro é lançado em que ano? Cês lançam o livro ainda em 2014?

Maurício Ururay: Em 2016.

Nísia Oliveira - CPDOC Guaianás 2016. E aí em parceria... já fomentado? Vocês tinham fomento, né?

É, esse livro de 2016, foi a partir de uma emenda, na verdade, foi uma participação do Nabil Bonduki ... na época dentro de uma articulação que tinha... tinha essa articulação, muito por conta duma pessoa que fazia parte do grupo que era o Márcio Pozzer, que ele era, ele tava lá dentro também, né. Ele é um dos caras que vem com a ideia da Jornada dos Patrimônios, né. Enfim, tem várias narrativas sobre, sobre essa... sobre a Jornada do Patrimônio, se foi eles que tem todo um rebuliço lá de autoria, mas ele é um desses caras que tava pensando no desenvolvimento de algumas ações voltadas ao patrimônio na cidade de São Paulo, e aí a aproximação da nossa ação com o interesse dele, né, acabou articulando, e aí ele acabou bancando um pouco. Aí ele falou: Não, é necessário fazer um material, cara, vocês precisam fazer um estudo sobre isso. E aí na época a gente acabou participando, né, era moradores de

vários bairros da leste. Tinha o Lucas que era de, da Cohab 2, eu de Sapopemba, a Mônica que era da Mooca, o Júlio que também já pingou em um monte de lugar, mas ele era de São Miguel no começo, a Patrícia que era... eu não vou lembrar o nome do bairro... mas também era lá pro Itaim... Então a gente acabou se organizando em cima disso e tinha um conhecimento do território de morar, de conhecer, assim, né, e aí fez essa pesquisa inicial lá em 2016.

Nísia Oliveira - CPDOC Guaianás E a sede de vocês aqui na Penha, tá há quanto tempo?

Maurício Ururay: Bom, depois desse 2016, né, como se fala? Depois a gente aproveitou um pouco dessa produção que a gente tinha pra conseguir trabalhar, né, porque de vez em quando a gente produz um material e não tem tempo de explorar ele, né. Então a gente passou depois de 2017, 2018 explorando um pouco esse material, né, dando curso, fazendo ainda os roteiros de turismo de base comunitária, né, melhorando nossa articulação. E aí em 2018... 2018? É. Em 2018 a gente é fomentado pela Lei de Cultura e Fomento às Periferias, que é um fomento que também, ele é produto de uma luta histórica dos coletivos de cultura da Leste. Então a gente é contemplado pela segunda edição do Fomento e durante dois anos a gente desenvolveu um trabalho que é um trabalho que tava mais localizado no território da Penha, um por conta duma articulação com esse prédio aqui que a gente tá, que é o Memorial Penha de França, usando aqui. A gente é convidado pra ocupar mais esse espaço, pra dar os cursos aqui, pra conseguir desenvolver uma série de atividades. Então a gente passa a ocupar aqui efetivamente, faz algumas pequenas reformas e reparos, e começa a tocar nossas atividades assim como outras ações que tão ligadas ao território. A gente fez alguns festivais - um foi em São Miguel, o outro foi em Itaquera, que é chamado Festival Tombamento, que tá ligado mais à questão da produção cultural mesmo. Então era uma atividade mista que trazia shows, que trazia oficinas, né, que trazia um dia de atividades. Muito ligado à questão do patrimônio em questão, então, “ah, vamo fazer uma oficina na Cohab 1, na Cohab 2, lá, que foi a Casa Raul Seixas. A gente podia trazer a questão da autoconstrução através de uma oficina, a gente podia fazer uma cozinha, né, já que era uma chácara ali, vamo fazer uma parceria com uma horta comunitária do lado, que é a horta da dona Severina, e já põe aí uma toalha de mesa, já faz aquele almoço de quintal de periferia memo, com todo mundo... com um show musicalizado também, de um projeto chamado Cozinha Com Música, né, e aí já faz um roteiro com os professores das escolas locais e faz toda essa articulação em torno dessas atividades, né, então teve essas atividades mais ligadas a Itaquera e São Miguel, algumas oficinas com escolas e tal, mas a gente passa por uma série de questões de organização do coletivo também, né, a localizar um pouco o trabalho mais na Penha, por conta também da centralidade desse espaço, da possibilidade de explorar essa casa

como uma sede do coletivo, né, e por conta duma relação muito próxima que a gente tem com a rede, que é uma rede do Movimento Cultural Penha aqui, que é a Igreja do Rosário, agora o Memorial, o grupo Ururay, tem parceiros no território como o Centro Cultural da Penha, o próprio CEU, as escolas daqui. A gente começa a perceber que o trabalho sendo localizado no bairro às vezes ele tem uma potência maior, e aí eventualmente a gente faz parcerias com territórios fora. Mas hoje em dia a gente tá mais concentrado, né. Então 2018 até o final de 2019 a gente tava mais focado nesse fomento, de desenvolvimento desse fomento, de fazer melhorar nossas parcerias, né. Fazer um trabalho mais voltado à comunidade do bairro da Penha.

Nísia Oliveira - CPDOC Guaianás Então, assim, a atuação de vocês com a comunidade local se dá mais em escolas? Como que é esse território que vocês escolheram?

Maurício Ururay: Então, aqui no bairro da Penha, por exemplo, existe muitas parcerias que são feitas com a Igreja do Rosário dos Homens Pretos da Penha de França, então a gente traz, por exemplo, ano passado também um festival aqui que traz diversos grupos de cultura, né, tanto os grupos de cultura que já ocupam o Largo do Rosário, e aí eu posso trazer o Cambaiá, por exemplo, que é um grupo de Mogi das Cruzes que a Renata faz parte (risos), também traz um grupo que é os Sucatas Ambulantes, né, Cordão Folclórico de Itaquera, traz um grupo que também faz parte do Rosário ali, traz o grupo do cordão da Dona Micaela Vieira, que é também, é criada aqui no bairro sobre uma parteira negra que tem uma praça aqui, né, que foi feita essa pesquisa, né. O Ururay ajuda nessa pesquisa pra descobrir quem é essa mulher, Dona Micaela Vieira, que dava o nome de uma praça aqui, né. Então a partir do desenvolvimento de pesquisas junto com uma documentação que é do Hedemir Linguitte que a gente tem aqui, né, que é um memorialista antigo do bairro, né. Enfim, a gente traz esse grupo, que é o Cordão Dona Micaela Vieira, e também traz um grupo afro-boliviano, que é o Grupo Lasai. Por quê? Porque os bolivianos também passam a ocupar o Largo do Rosário faz uns 7 anos mais ou menos, como a Fernandina, então tem essa questão maluca né, de duas comunidades que ocupam o mesmo Largo e nem sempre a relação é bem entendida pelos dois, né. Todos os primeiros domingo conhecido e a Fernandina com as celebrações ligadas à Igreja nossa senhora do Rosário, né. Então a gente traz esses grupos pra dialogar, fazer primeiro um bate-papo e depois fazer atividades no bairro, né. Depois a gente faz... sei lá... um evento que foi o Colina Criativa, que a gente por conta do tombamento do roteiro do bairro, né - foram tombadas 12 casas aqui, mais o traçado urbano-, então a gente traz uma atividade que ela busca trazer tanto comerciantes quanto os agentes locais pra ter um dia centrado pra entender que o patrimônio e o tombamento, ele não é um mecanismo que vai atrasar o bairro que nem associação comercial e esses caras

vivem fazendo e falando que isso serve pra congelar o bairro, vai trazer atraso, que a Penha não vai ser a Penha de sempre, pros penhenses, pros... tudo isso aí, né. Então, a gente traz o evento pra discutir como a gente pode pensar possibilidades e proposições de articulação que possam se desdobrar em coisas boas pra todo mundo que mora aqui. Aí tem parcerias também com as escolas. Fizemos parceria com a diretoria de ensino Leste 4 pra fazer um curso de formação com professores, também fizemos oficinas com as escolas, com os jovens monitores culturais, né. Então sempre pensando essas articulações, né, e o diálogo até com os opostos se é necessário, “ah tem que falar com o subprefeito, pô vamos lá conversar, o cara vai ter que nos entender e a gente vai ter que entender eles”, “ah vamos ter que fazer uma parceria com uma escola lá e, meu, vamo tentar entender como a gente pode se ajudar aqui, né, e fazer uma ação interessante de formação pra os alunos, e aí dar roteiros no bairro em cima disso”. Entre outras ações, assim, que a gente vê como essas ações mais como comunitárias.

Nísia Oliveira - CPDOC Guaianás E como que o grupo se organiza? Vocês fazem reunião mensal? Como que é o processo do grupo e, principalmente, como vocês escolhem o objeto que vocês vão pesquisar, o local, o território? Você falou um pouco, se quiser falar um pouco, se você puder falar.

Maurício Ururay: Sim. Em relação à organização do grupo, né, a gente também tem uma noção expandida do grupo, que são várias pessoas, é um envolvimento humano maior. Mas tem o núcleo duro que hoje são em torno de umas 5 pessoas, que é o núcleo que de fato participa das reuniões, apresenta seu trabalho, tenta sintetizar o que... quais são as próximas ações, tem de articular parcerias. É um núcleo mais duro que normalmente faz essas reuniões, né. Porém eu acho que também é bom trazer assim de que os coletivos eles enfrentam essa dificuldade de mobilização permanente às vezes, então por exemplo: ah, terminamos dois anos de fomento, um trabalho de fôlego, né. Então, por exemplo, depois dum fomento as coisas tendem a... se você não tem um trabalho muito fincado, você tende a desorganizar, né, ou a desarticular. Ainda mais sem recurso, toda essa questão. Então a gente fez dois anos de fomento pensando em como vai fazer depois do fomento, né, pra conseguir estruturar um trabalho, mas também dar o tempo necessário pra entender quais são as questões atuais. Porque você começa o fomento pensando uma coisa e você termina pensando outra, e aí você precisa de um tempo memo pra sentar, né, pra falar: não, agora por que a gente não vai pra esse lado né, vai pra aquele, né? Eu gosto desse conceito, porque tem esta instituição guarda-chuva, que é o Movimento Cultural Penha, que ele tá, ele é um guarda-chuva de todas essas ações, que as ações da comunidade do Rosário, que

são as ações do grupo Ururay. Antigamente tinha outras ações. Tem o Cordão Dona Micaela Vieira, tinha o samba do Largo do Rosário, tinha antigamente outros grupos que fazia parte desse guarda-chuva também, mas que traz esse conceito que é o conceito de movimento. Então, a gente tá em constante mudança e tem muito isso claro assim dentro da nossa linha de ação. De que, tem um termo lá do Mário Chagas que ele fala assim, que nem se fosse uma longa conversa, né, você sabe como começa, mas você não sabe como vai mudar de assunto, o que que vai virar, então a gente tá sempre, assim, dentro do nosso processo de trabalho, sempre repensando o que a gente quer, o que a gente quer com essa ação, se é uma ação efetiva, se é uma ação que só vai trazer desgaste, né. Ao fim desses dois anos de fomento a gente tá nesse momento de... meio organização das ideias, né, pra tentar ver se... ah, vale a pena concorrer ao fomento de novo. Às vezes sim, às vezes não. Às vezes... o que a gente vai organizar, né. Pra quê a gente vai se organizar? Ah, é pra uma ação pontual? Beleza. Ah, não, é prum trabalho de fôlego? A gente tem que entender muito bem o que a gente vai fazer, né. Eu acho que funciona dentro desse processo. Você tinha feito outra pergunta, desculpe. Esqueci.

Nísia Oliveira - CPDOC Guaianás Falei do... da escolha dos territórios. Olha aí, (risos), a gente começou a conversa, você foi falando, rs. Mas acho que era isso: do processo do grupo e das escolhas, né, dos territórios que vocês atuam, que você também tinha falado.

Maurício Ururay: É, esse recorte inicial lá, quando a gente vai lançar o livro, muito também focado nas transformações da Copa do Mundo e tal, né, ele tinha um recorte dessas quatro subprefeituras, né, por conta de ser as quatro subprefeituras que têm patrimônios tombados, né. Tinha muito essa questão forte de..., não que eles fosse tudo e fosse chave explicativa pra todas as coisas, né, tinha essa consciência de que, inclusive, tem patrimônios que são, por assim dizer, a menos que tenha uma outra reapropriação eles são repugnantes, tipo, a casa de um grande comerciante e papapi, papapá. Isso aí não é uma memória assim que a gente preza, mas por outro lado dá pra fazer uma leitura a contrapelo, e aí é isso que tá sendo sempre reforçado, da vontade de fazer leituras contrapelo e pensar como aquilo pode ser usada de forma diferente: ah, a casa do industrial pode virar um centro de referência do trabalhador? Pode virar, legal. Informa sobre o seu significado histórico, né, ao mesmo tempo que vira um lugar de questionamento, né. Enfim, outros espaços que também podem passar por esse processo, e podem também ajudar no movimento sustentável deste território, trazendo recursos e etc., né. Aí depois desse primeiro trabalho que tava muito ligado aos patrimônios tombados, né, e com uma bagagem de formação boa, que informasse um pouco sobre as dinâmicas territoriais, né,

permitiu a gente fazer uns trabalhos que vão pegar outros espaços, né. Então por exemplo: a Penha que é um espaço que a gente já tem um conhecimento muito grande daqui, tanto por morar quanto por ter este trabalho de muitos anos, né, já são... o Ururay já é desde 14, mas a gente também herda trabalhos anteriores, né. O movimento dos anos 80, a comunidade do Rosário tá há mais de 20 anos, né, e tá dialogando essas ações, né. Então, sei lá, tem a fábrica de ladrilhos hidráulicos do bairro. Pô, isso é superinteressante. A fábrica tem 100 anos, né. Ah, tem... tem o próprio nome de ruas e praças, tem duas escolas que são escolas tombadas também. Uma do período da primeira república e outra de arquitetura moderna, vamo discutir esses espaços, né. A outra, a gente tem um roteiro, por exemplo, que passa lá, pela escola Santos Dumont, que é a escola da primeira república, né, que ela é uma escola que tinha separação de meninos e meninas, né, tinha todo esse conceito que hoje a gente vê como atrasado, mas enfim, hoje a escola é excelente. Aí às vezes a gente pega o estadual da Penha que tinha uma arquitetura moderna, que tinha piscina, que tinha... é toda murada e gradeada, o vão livre virou murada. Aí você fala: nossa que contradição. Ao mesmo tempo tem escolas mais atuais da época da ditadura militar, com uma arquitetura ruim, mas com trabalho escolar legal.

Então é isso. É um esforço de entendimento do território, né. Na Penha cidade numa forma, porque a gente tá mais presente, mas em outros territórios também é possível. Sei lá, na Anália Franco, lá, com a questão da especulação. Aí lá às vezes a gente consegue um parceiro local pra fazer. Ah, Vila Maria Zélia nos atende, nos recebe lá, as mulheres da Vila Maria Zélia nos recebe. Ah, lá no Sítio Capão a gente procura alguém ali que vá pensar o Anália Franco que é um bairro sinistro, né, o metro quadrado mais caro da Zona Leste. Como a gente vai discutir isso, né? E sempre fazendo essas aproximações com pessoas que são do território, né, quando não é a gente, as pessoas que são do território mesmo, né, tipo “ah, eu moro aqui”. Sempre em comunicação com pessoas que talvez vão trazer um conhecimento que só na pesquisa cê não segura, né. Você precisa tá lá, no dia a dia, cê tem que entender a complexidade, né. Então funciona assim, né. Aí a gente expande um pouco o nosso leque de trabalho. Muito ligado também uma questão de produção cultural que talvez seja o que hoje é o que mais nos pega, né, do tipo, mano, às vezes um livro, ninguém lê livro, ninguém quer saber de livro, é um conteúdo voltado pra um público. É importante e tal, mas é voltado prum público. Às vezes você faz uma, sei lá, você convida uma companhia de teatro e talvez seja mais interessante por que os caras vão apresentar aquela informação, às vezes com a comida, você faz uma atividade com comida, você vai atrair outro tipo de público, que vai se sensibilizar por essas ações, né. Então eu acho que tem muito esse conceito também da sensibilização, a gente não quer que a pessoa saia Ph.D.

no assunto, ou que tenha completo, sei lá, não precisa ter o mesmo conhecimento que eu do lugar, mas a partir de sensibilizações você traz a pessoa pra debater a cidade, pra debater o patrimônio que ela mora perto, que ela reconhece como uma herança, no território que informa sobre ela, né. Esse tipo de trabalho...

Nísia Oliveira - CPDOC Guaianás Bacana. Você fala da história a contrapelo e vocês... os métodos que vocês utilizam, história oral?

Maurício Ururay: Tem uma parte de, do papo, do relato das pessoas e tal, mas, por exemplo, o roteiro é uma ferramenta interessante pra fazer uma história a contrapelo porque, sei lá, falando do território da Mooca, por exemplo, existe um extenso tombamento dos patrimônios industriais, né, tem várias fábricas, tem estádios, tem tudo lá, tem as Vilas operárias, mas às vezes o que fica lembrado até inclusive dentro dos processos de tombamento é a memória do industrial e não do trabalhador da indústria. Então, a gente pega esse exemplo, por exemplo, pra falar da questão do trabalhador: ah, legal Vila Maria Zélia é bonita? É bonita, é legal, mas meu, as pessoa... deve ser legal ter uma casinha, ser contratado por uma empresa e ter uma casinha? Legal, mas meu, cara vai te acordar no domingo, a sirene vai lá, não podia beber dentro da Vila. Tem uma série de questões ali que cê pode trazer pra além dessa questão do cara ficar vislumbrado, né. Você fala, oh, é bonito, mas essa igreja, sei lá, basílica foi responsável por acabar com as irmandades, que era um espaço muito importante pra população negra do bairro. Então, como você vai falar da basílica? Isso é fazer essa leitura a contrapelo, crítica, né. Uma leitura crítica, pra tentar suscitar outras questões de conflito mesmo na cidade. Porque a cidade ela... eu vejo muito esse movimento de braço de ferro mesmo, de vez em quando é horrível, de vez em quando é ótimo, tem vitórias, tem derrotas. O trabalho é dentro dessa estrutura.

Nísia Oliveira - CPDOC Guaianás você também dentro da sua fala traz alguns elementos da Cultura Imaterial, então vocês partem da cultura do patrimônio né? Vocês partem da cultura do patrimônio material para abordar o imaterial, como que é esse trânsito?

Maurício Ururay: eu localizo mais ou menos que são coisas complementares, a partir do patrimônio material. A questão do patrimônio é o valor atribuído, as pessoas falam, não, isso aqui pode ser um patrimônio pra mim e não ser pra o outro, mas o que vai dar um significado pra isso, que vai ativar essa discussão, é justamente a maneira que as pessoas se apropriam disso, então às vezes a partir de um patrimônio imaterial, de uma manifestação cultural, da comida, de uma festa, você consegue informar sobre o espaço materializado ou você consegue

trazer uma memória através de uma sensibilização, de uma provocação quase, você provoca ela a falar: nossa jogar porque tem um grupo de maracatu aqui? Por isso tenho passado por uma história e aí você começa a rever os lugares com outros olhares, mas por essa linha.

Nísia Oliveira - CPDOC Guaianás e dos trabalhos, da trajetória de vocês, esses momentos difíceis que vocês viveram que você pode destacar?

Maurício Ururay: eu acho que lá pra 2016, antes da realização do livro e tudo esse lado a gente viveu um ato no momento complicado de achar que não ia virar, tava difícil também dividido com outros trabalhos eu mesmo dirigir 8 horas por dia não queria sair lá do Sapopemba e ainda vê 40 minutos pra cá pra participar de uma reunião né? Então existem esses momentos de dificuldade de mobilização principalmente quando pessoal tocando sua vida fazendo outros trabalhos, tão envolvidos com outras coisas, o que é natural e é isso aí né, mas por outro lado a gente sempre traz isso de que é preciso pensar na sustentabilidade das ações, e quando uma ação não é sustentável do ponto de vista também econômico que tudo é na camaradagem e tal beleza legal às vezes mais meu, as pessoas precisam tomar aquilo como uma prioridade pra fazer um trabalho sério, tipo, ah, não vou tirar um tempo da minha vida para eu tenho compromisso, dentro dos grupos o mestre Silva é um desses que falam muito sobre isso não de que meu você tem que ter um compromisso você tem que ir domingo lá você tem compromisso, seu com grupo com a religiosidade como que foi, você tem que se comprometer de alguma maneira. Então eu penso assim que existe alguns momentos que você não consegue se comprometer, e aí esses momentos são momentos de enfraquecimento do grupo porque sua cabeça tá em outro lugar, porque você não tá conseguindo se sustentar daquilo, então são momentos assustadores assim porque você pensa de fato a não vou arranjar outro trampo vou fazer outra coisa, vou me mudar pra outra região. Ainda mais esse trabalho nosso que é um trabalho que, meu, você tem que estar envolvido no dia a dia, não dá pra a gente viajar muito, vou pra outro lugar, se você quer continuar trabalhando aqui você tem que ficar focado sem ter essas preocupações. Então pense que é isso lá em 2016 a gente teve essas dificuldades, agora sim por uma questão estratégica eu acho que não tá ruim por exemplo aqui na casa da gente não paga aluguel, por exemplo, pra uso desses espaços, mas a gente observa muito meu campo da Cultura que os coletivos normalmente quando eles conseguem um fomento e o trabalho demais fôlego a primeira coisa que faz é ter uma sede, porque a sede é um local importante pra organizar, mas aí acabo somente você não tem dinheiro pra bancar o espaço e, meu, é muito

difícil fazer virar e aí assustar na felizmente eu acho que a gente conseguiu se organizar um pouco com nosso último fomento, pra tá um ano mais usufruindo do trabalho que a gente enraizou pra ter esse ano que vez ou outra faz uma ação, mas sempre pensando em outros trabalhos complementares, porém quando não dá só pra sobreviver do coletivo, mas pra isso a gente tem que ir diversificando nosso trabalho, você vai aprender a fazer streaming, você vai aprender a sei lá você vai dar seus corres tem que aprender né não tem jeito, como aprender a produzir a levar a caixa de som , mas sei lá fazer mudança.

Nísia Oliveira - CPDOC Guaianás E agora vocês tão fomentados?

Maurício Ururay: agora não, a gente prestou contas em dezembro, e atualmente não. E com a pandemia sim gerou essa situação de felizmente a gente já tava prevendo ficar um tempo parado porque esse tempo da prestação não dá pra correr atrás digital nem nada, mas por outro lado a gente também passou a se concentrar em outras ações que são ações com os parceiros, tipo, ah, tamo focados pra fazer as livres da Igreja do Rosário, e vai lá fazer e aprender a usar essas tecnologias. Vamos lá fazer com o centro cultural, pra fazer um seminário, ah vamos diversificar as ações junto com esses parceiros dentro de uma coisa que talvez a gente saiba fazer que é mexer nesses programas, e aí a gente continua realizando um trabalho de fortalecimento do território ainda tem esse horizonte de conseguir desenvolver as ações. Aqui no memorial mesmo é um espaço de mais ou menos isso, tipo ah quero pesquisar o bairro da Penha, dá pra ir aí? Dá! A pessoa vem, gente senta, ter oca uma ideia, vê o projeto do cara e fala tem esse caminho e esse caminho, dá pra você ir atrás de recurso por aqui, grande parceria, vamos tocando junto, tem esses momentos assim da gente tá fortalecendo o trabalho dos outros, mas de alguma maneira isso sempre volta pra o território, volta pra organização do coletivo e tal.

Nísia Oliveira - CPDOC Guaianás então você destacaria quais os principais parceiros do Ururay?

Maurício Ururay: os principais parceiros hoje eu aponto Centro Cultural da Penha O que é um parceiro institucional e por assim dizer, uma instituição parceira é a capela de São Miguel, ela teve uma mudança de gestão lá, tem uma pessoa excelente que tá coordenando, ela é uma gestora que tem um trabalho muito interessante, então é outra aproximação né. dos

institucionais tem o Sesc, o Sesc vira e mexe vira roteiro principalmente mas também aparecem outras ações mas entre os coletivos a gente tem uma diversidade, tem tanto essa rede interna aqui do bairro que é uma rede que nos fortalece, que é a Igreja do Rosário e o memorial Penha de França que pode se dizer que é uma rede do núcleo duro que tá em diálogo constante mas existe também o desdobramento de outras ações, a gente tá agora também numa movimentação pra movimentação dos coletivos de patrimônio também então tamo sempre em diálogo, na Vila Maria Zélia a gente já tinha um diálogo bom, tem o memória e resistência que a gente tinha um diálogo bom, o CPDOC Guaianás que a gente vem se aproximando tem um ano mais ou menos, fazendo algumas aproximações, reuniões, Quilombaque. É uma cidade gigante mas a gente tá nesse momento de organizando junto com outros, ainda mais nesse contexto de pandemia que você não pode se reunir presencialmente, então a gente começa dentro do nosso trabalho em como organizar coisas que a gente pode colher lá na frente, então esses coletivos parceiros eles tão operando nessa chave mais ou menos e muito ligado nessa questão de patrimônio e não tanto de cultura por assim dizer, existe essa dificuldade de definição se a gente é cultura, sou da cultura mas não toco nada, não canto... Ah mas você toca o que? Eu chamo os outros pra tocar, nosso papel é mais esse, mais os coletivos de memória, é o que a gente tem uma aproximação maior mais do que os de cultura que faz outros tipos de mobilização.

Nísia Oliveira - CPDOC Guaianás e tem uma outra questão que eu fiquei pensando enquanto você falava e o nome do coletivo?

Maurício Ururay: O nome Ururay na verdade tem vários significados. O que a gente atualmente tá usando mais é que ele dá o nome de um dia afluentes de um dos trechos do Rio Tietê, que talvez seja assim como horizonte de pesquisa, o mais interessante é que o Rio Tietê ele percorre quase toda a zona leste, ele vai passando sai daqui do Tatuapé e vai até São Miguel, Itaquera, e vai embora para o interior paulista. E também tá ligado aí que a gente chama de território de Ururay que era uma sesmaria que era uma grande sesmaria que contempla a região da Penha, mas vai também pra Guarulhos, Itaquaquecetuba, faz parte de uma grande região que faz parte dessa sesmaria, né. Então, é curioso que hoje com as fronteiras terrestre aí, divisa de município a gente não vê as coisas conectadas, mas elas sempre foram conectadas a gente tem um Igreja do Rosário aqui mas tem uma Igreja do Rosário em Guarulhos, mas tem uma também em Itaquá, que provavelmente tinha pessoas que transitavam entre esses bairros, entre as cidades. Tem, por exemplo, relações entre as pessoas da Irmandade do Rosário que eram

enterradas lá na fazenda Ibiacica e lá na capela de São Miguel existiam indígenas que frequentavam a Igreja do Rosário. Então tem todo esse território que se dialoga, então isso acaba também nos instigando a continuar uma pesquisa que tenha esse território como referencial, o território que perpassa o Rio Tietê e o território que abrange a zona leste de São Paulo, junto com seus diálogos, né.

Nísia Oliveira - CPDOC Guaianás E assim a gente falou de momento de dificuldade que vocês passaram, que momento que vocês acham que merecem destaque que foi bom?

Maurício Ururay: eu acho que assim, o momento de mais maturidade do coletivo se deu ano passado, a Renata sabe... o primeiro ano de fomento a gente tava tentando se organizar e entender direito, como não tocar o trabalho, vai tá mais no dia a dia com as pessoas, se tá todo mundo engajado se tá todo mundo entendendo a proposta. Então acho que ano passado foi um momento assim pra uma reorientação e um momento de como desenvolveu as ações mesmo. Tanto o que a gente quer com as ações educativas, quanto o que a gente quer com esses conceitos de um fortalecimento teórico mesmo. Então foi um momento que a gente conseguiu melhorar muito as nossas articulações, que começou a virar muitos trabalhos que a gente não precisava mais correr atrás que as pessoas já estavam identificando o coletivo como um coletivo que pode ser chamado um referencial pra trazer esse debate. Então foi um ano bom ano passado porque deu uma clareza maior dos objetivos nossos do coletivo e de mobilização do grupo dentro desse eixo, de que na verdade é uma rede então tem parceiros externos mesmo que tudo mundo não frequente o núcleo duro, sempre tem pessoas que podem estar dialogando e vindo pra contribuir, dependendo do assunto, dependendo da pauta, pode tá querendo procurar o coletivo e trazer alguma pauta também e trazer questões, acho que ano passado foi um ano pra isso.

Nísia Oliveira - CPDOC Guaianás E no momento atual você já falou um pouco das lições, como que está, que vocês tão se organizando agora nesse momento?

Maurício Ururay: A gente passou um começo de pandemia só observando porque, pra mim mesmo, gerava muita apreensão. A gente tá num momento assim de muita produção de conteúdo. No começo eu não acompanhava as lives, tinha uma dificuldade mesmo de acompanhar, agora, às vezes tem dias livres ao mesmo tempo e você quer ver as duas e já tá mais habituado. A gente passou os primeiros meses sem conseguir tocar um trabalho assim,

mas conversando distância mesmo de vez em quando, mas achando que ia acabar em um mês, depois do primeiro mês quando começou o segundo mês, a gente falou: é necessário começar a pensar, não dentro desse novo normal, porque o normal já não era muito bom, então vamos pensar em outros horizontes... Mas que era necessário começar a entender como a gente vai usar as ferramentas novas e se for ficar esperando criando ansiedade por fim a gente não consegue produzir, não consegue desenvolver. Então a gente começa a participar de um processo mais de organização interna, tanto das informações, quanto do site, quanto do blog... Tentar resgatar esses materiais e organizar uma das partes que a gente tá desenvolvendo, uma segunda é participar dessa tentativa de articulação que a gente sabe que esse é um ano eleitoral, então tá uma bagunça, tanto em relação ao que tá sendo feito por conta da eleição, de apressar verba e tal, quando em relação ao patrimônio histórico porque os setores de construção civil eles não pararam, então a gente viu um movimento muito forte assim contra, de tirar nomeações do DPH, de mudança de cargo, tá entendendo essa estrutura política de fortalecimento desses setores políticos das construções civil, existe alguns parceiros que tão encontrando dificuldades nos seus territórios. Então a gente começa a se organizar e também entender dentro do Movimento Cidade que tá discutindo essas coisas de patrimônio, e também assim eu acho que tem uma parte fundamental, parece que não é mas é fundamental manter as pessoas que a gente quer perto bem, então, entrar em contato, entendendo como pode ajudar, entender com a pessoa quer desenvolver uma atividade e fazer junto. Vamos transmitir a live, vamos organizar esse conteúdo juntos com as outras pessoas que também tão tocando seus trabalhos, então talvez tamo olhando pelos nossos, tamo numa fase disso também.

Nísia Oliveira - CPDOC Guaianás Eu fiquei na dúvida de como funciona esse espaço que a gente está que é a sede de vocês. É um coletivo que gere, como que é?

Maurício Ururay: O Memorial Penha de França na verdade faz uns agora deve fazer uns... 25 anos, ele começou como uma escola de arte que era o VIVECA, tinha aulas de Fotografia, História da Arte, Pintura... muito tocado pelo morador que mora aqui em cima que é o Francisco Folco, que ele é o dono dessa casa, ele é a 3ª geração, a casa é de 1930, essa casa mesmo é tombada, e eles também trabalha na Eletropaulo e ele quando se aposentou ele queria dar uma finalidade de arte pra essa casa, tinha toda uma preocupação da casa ser vendida ou sei lá. Aí ele quis transformar esse espaço num espaço cultural, aí nesses 15 anos desde a VIVECA há uma separação e a VIVECA vai pra outro lugar e aqui passa a ser o Memorial Penha de França.

Porque surge esse memorial, né? tinha toda uma discussão lá no governo Marta lá atrás, dos pontos de cultura e tal, então ele tava engajado um pouco nessa discussão e depois na gestão Kassab da mudança das fachadas, e aí dentro das mudanças das fachadas que ele já era fotógrafo, já trabalhava com fotografia dentro da Eletropaulo, ele passa a fotografar algumas fachadas dos bairros, porque aí já tem a Lei da Cidade Limpa e também a Igreja, que também é o santuário da Penha, porque o avô dele fez as pinturas de arte sacra da Igreja, lá atrás, então ele já tinha esse entendesse de registro, quando ele começa esse serviço de registro, de algumas coisas do bairro vários outros moradores começa a vir com documentação pra ele registrar. E botar no acervo, então a gente já tem 4.000 fotos antigas do bairro, normalmente as exposições do bairro acabam vindo aqui pra pegar esse acervo. Junto com isso existe algumas pesquisas, a gente tem por exemplo a coleção do Hedemir Linguitte, memorialista do bairro, tem muitos esses escritores do bairro que acabam também trazendo suas pesquisas e documentações pra cá. Então esse senhor, Francisco Folco, ele começa a trazer esse trabalho de memória, ainda muito intuitivo né, mas de registro mesmo e de ter isso disponibilizado pra o público externo. Junto a isso ele continuava a dar aulas de História da Arte, Fotografia, Photoshop, que atendia também os moradores daqui, de vez em quando fazia parceria com escola e tal. Aí faz mais ou menos uns dois anos, ele começou a ficar muito sozinho pra tocar esse trabalho, ele já tava praticamente gerindo a casa sozinho... Então ele convida o grupo Ururay pra fazer a gestão desse espaço, tanto da questão espacial, quanto pra trazer público, trazer atividades e tentar fomentar um pouco aqui, a gente topa, mas aí o primeiro ano que a gente topa, tava um ano sem recurso, então a gente fez dentro das nossas limitações, quando tinha alguma atividade com escola, aí vinha aqui, quando tinha alguma atividade com parceiro trazia pra cá e aí quando a gente é fomentado a gente faz uma readequação desse espaço, uma pequena reforma e começa trazer algumas atividades tanto musicais, com músicos dos bairro pra tocar, junto com uma cozinha que é gerida pela Adriana que também faz parte da comunidade do Rosário, essas pessoas vão circulando todos os espaços que a gente acaba tocando ação, aí depois a gente é convidado lá. Mas aí começa a trazer essas atividades musicais uma vez por mês e também alguns cursos a gente começa a trazer ela cá. Então, essa parceria junto com o público é muito importante porque além da gente ter um espaço pra receber as pessoas, que antes era feito em casa, tinha toda uma limitação, vira um espaço que a gente também pode estar pensando e fazendo um trabalho que a gente tá fazendo de tentar transformar num referencial mesmo pra discussão do patrimônio histórico aqui do bairro, expandindo a noção que era muito voltada a Penha de França e hoje a gente já tenta fazer um trabalho, por exemplo, envolvendo Tiquatira,

envolvendo as áreas de vulnerabilidade social que antes ficava muito centrado nessa figura do penhense, né? tanto por conta da documentação, no início do século a maioria dos fotógrafos eram pessoas que tinham dinheiro por conta dos equipamentos fotográficos, então os registros eles tem um olhar meio elitista, então a gente vem trazendo uma tentativa de trazer um olhar ampliado do patrimônio, e como abordar locais que não existe registro, um trabalho que vai trazer outras memórias, então é assim que a gente vem tentando nos últimos dois anos organizar acervo, trazer pesquisadores, debater aqui dentro do espaço outras memórias e tentar fazer essas articulações pra virar um lugar de percepção pra pessoas que querem pesquisar sobre os bairros mas não sabem por onde começar que assim é a dificuldade que a gente encontra lá no começo do coletivo e a gente tem certeza que outros coletivos de memória encontra isso, porque você tem uma documentação pequena, os pesquisadores têm muito trabalho com memorialista que sem nenhum demérito porque os caras que escreveram antes de todo mundo mas que às vezes tem uma abordagem muito afetiva da história e acabam não trazendo outros elementos, outras fontes, então eu acho que é virar esse lugar de reunião mesmo pra as pessoas que tem interesse em tocar um trabalho ligado à memória do bairro.

Nísia Oliveira - CPDOC Guaianás E como que o Ururay trabalha a memória de vocês, do coletivo? Vocês têm essa preocupação?

Maurício Ururay: Assim, recentemente, acho que qual é a coisa que dá gosto de trabalhar nisso? Na verdade, as pesquisas têm suas questões próprias de surgir né, mas elas vão muito pra responder questões nossas, então, sei lá, eu tinha uma inquietação muito grande do porque aquela igreja tá ali, quem é que frequenta e qual é a história daquilo. E aí a gente vai lá e pesquisa, existe muito, por exemplo, lá tinha a Dona Micaela que tem uma série de pesquisas, então nós falamos, vamos lá marcar um dia pra fazer uma entrevista pra entender como se dá a presença da população negra aqui no bairro da Penha, como a Igreja do Rosário... existia uma circulação muito maior e aí acabou saindo dentro do processo de urbanização do bairro, mas vamos entender isso? Vamos!

E vai lá e faz uma pesquisa e consegue aprofundar, essas pesquisas elas acabam respondendo também questões nossas. Faz mais ou menos um ano e a gente fez o também um trabalho junto com o Museu da Pessoa que era de registrar o coletivo, e com essa ideia de registrar a memória das pessoas do coletivo, só que aí a gente já expandiu e falou: não, acho que é mais interessante pegar pessoas dentro dessa rede. Aí traz o Folco, que é gestor daqui, traz alguém do Ururay, traz alguém do movimento cultural Penha e traz alguém do Rosário pra gente ter uma diversidade de leituras Por que esse trabalho, se dialogam, né? E eles fazem parte de um escopo

de dúvidas e questões que as pessoas tentam responder pra si mesmos ou responder pra os outros, então, eu vejo assim que existe uma questão íntima porque o entendimento de como se dá às relações no bairro, elas também acabam respondendo questões nossa, porque a gente tá aqui, A sei lá minha família veio do interior paulista e a sua? Como que a gente veio parar no mesmo lugar? A gente tem uma atividade que a gente faz com as escolas que eu gosto muito, que a gente faz todo um mapeamento tanto das origens, da onde veio os seus pais, da onde vem seus avós? Porque eles vieram parar nesse bairro? Uma experiência que a gente faz lá com a molecada de tipo, mano, imagina que você tá lá no espaço e foi sequestrado por um alienígena você precisa voltar pra Terra, de onde você é? E aí vai fazendo aquela coisa do Macro pra o micro,... O meu planeta é o planeta azul a terra, continente americano, meu bairro é a Penha, minha rua é tal, então cara Isso prova que você não fez com a rádio no mundo, Você não caiu aí tem um porquê você tá aí, tem um porque os seus amigos terem uma trajetória parecida com você, todo mundo passou por situações muito semelhantes e diferentes também, tem os seus recortes de classe e tem os seus recortes de trajetória de vida mas existe muita coisa semelhante a gente tenta entender Por que que tem, porque sei lá família do Folco conseguiu construir uma casa e se manter na Penha? Como imigrantes italianos vieram pra cá em 1930 e às vezes a família do Altair não conseguiu ou teve que sair do bairro ou ele dois quarteirões pra lá e não conseguiu ficar aqui, entender as relações entre as pessoas também e porque tamo aqui todos nós, uma vez aqui, o que podemos fazer? O que nos une, que pode nos ajudar a entender melhor a gente e o que a gente tá fazendo.

Nísia Oliveira - CPDOC Guaianás E um objeto assim que você guardaria no museu? Se estivesse...

Maurício Ururay: ah um objeto... Ah o museu é muito limitante, mas assim um elemento afetivo talvez, Ah eu acho que as memórias afetivas mais importantes pra mim ver ela pessoalmente, elas tão ligadas à questão da Igreja do Rosário, porque na verdade eu acho curioso essa história porque eu venho fazer parte do Ururay, do Ururay nem entanto, eu começo a fazer parte do Ururay que é um coletivo que discute a memória do bairro reticências da memória e história do bairro, Coisa e Tal, da zona leste... Mas aí em 2016/2017 acho que 2017 Eu participo de alguns ensaios do Porto de Luanda lá de Itaquera que é um coletivo de Maracatu E aí eu tinha recém-saído da faculdade por assim dizer ateu convicto Aquela coisa né ponto de interrogação de quem sai da faculdade tá cheio de opiniões e cheio de certezas, E aí eu venho com Porto tocar no Rosário que até então eu tinha uma relação muito próxima do Júlio, da Patrícia, do pessoal do Rosário mas, meu, pra mim isso aí era outro assunto não tinha

nada a ver comigo, tanta coisa da religiosidade não tinha nada de religioso e meio tá eu tinha largado esse pra trás. E aí quando eu venho pra o porto eu me sensibilizo pela questão porque, mano, pra mim foi muito emocionante, foi muito bonito e aí também já tinha uma relação próxima com as pessoas e passa a frequentar também as reuniões que participou da produção lá e monto som e vira um compromisso meu também as ações da comunidade do Rosário. E aí depois o Folco também, eu não tinha relação com ele, mas de repente eu me vejo pra casa do Folco duas vezes por semana pra tomar café com ele, E aí eu começo a ter uma série de ações dentro do território que pra mim são muito importantes, porque eu cheguei aí, não é? Eu acho que uma coisa desdobra outra, eu acho que nisso que dá a experiência rica, você pega outras ações aqui que tem no território, que fazem parte dessa rede e sei lá... Os pastores mesmos do Rosário de repente tem um grupo lá meu tinha o samba, tinha o samba do Rosário que era um ambiente masculino e tal que tava tocando pra tentar aproximar a juventude e aí o samba se desfaz por N questões e aí surgem as pastoras do Rosário que é um grupo musical de umas senhoras de 60 anos que nunca pensaram em cantar na vida e de repente tão fazendo show no Sesc. Essas experiências eu acho que são muito legais porque às vezes você não tem, você nunca se imaginou fazendo alguma coisa e de repente você tá até a cabeça assim envolvido entendendo e querendo transformar aquilo que seja bom pra todo mundo, que te preencha, mas ao mesmo tempo que preencha o outro entendendo a necessidade deles e as nossas e desenvolver juntos isso, essa é a magia da coisa, que faz valer a pena esse tipo de trabalho.

Renata Eleutério - CPDOC Guaianás: Maurício, você falou um pouco do nome do Ururay o que significa... queria que você falasse do logo do Ururay o que significa.

Maurício Ururay: Como logo do coletivo a gente usa uma carranca, né. Essa carranca, quem nos deu a ideia foi o Rui, que é o Rui Barbosa, um nome importante, né, mas é um parceiro nosso que tava em São Miguel que tava muito ligado também ao trabalho do sítio Mirim. E aí o Rui, ele traz a figura da carranca, que ela tá na capela de São Miguel, que é a capela que hoje, num discurso afirmativo, fala também que é a Capela dos Índios, né, porque ela tem essa origem indígena. Quando a gente fala dos territórios da Zona Leste, dentro dessas memórias que são pouco abordadas existe toda uma relevância da presença indígena, né. A própria Igreja do Rosário tinha muitas, você vai pegar o Testamento, por exemplo, do Santuário tá lá que o padre deixou tantas peças. E quem eram essas peças? A gente faz essa pesquisa, descobre que eram os índios. E aí os índios também tão lá em São Miguel, né, e tão em Guaianazes também. Então dentro dessa coisa de trazer elementos que também vão trazer outras memórias. E aí a gente tem todo um esforço, né, pra entender como isso, como a história da cidade, ela se constitui

com isso, não como um detalhe, né, mas como algo que, meu, fez parte, talvez seja a coisa mais importante pra explicar esse território que sejam essas outras memórias, né.

Renata Eleutério - CPDOC Guaianás: Legal, hem. Nossa! Rui Barbosa! E aí você falou... então ele fazia muita parte do sítio Mirim, né. E eu queria que você pudesse explorar um pouquinho, por favor, dessa relação com o Movimento de Ermelino Matarazzo.

Maurício Ururay: Esse histórico, sobretudo com uma ligação muito forte com o padre Ticão, quem tinha essa articulação forte era muito o Júlio e a Patrícia. Eles tinham uma atuação em São Miguel durante muito tempo. Eu acho que o Júlio foi da Casa de Cultura de São Miguel, já a Patrícia participava do NUA. O Júlio também chegou a participar do NUA, que tá ligado à assistência social. Então por conta desse trabalho teve essa aproximação muito forte com o padre Ticão e com o Danilo, Danilo Morcelli, na época, que também é um pesquisador que tá lá. Foi através desses links que eles se conectaram, né. Mas eu acho curioso, até hoje a gente tem uma relação próxima com o padre, às vezes, né? De vez em quando troca contatos. Agora que tá dentro do processo lá de andamento pra criação de uma casa de cultura, parece que vai sair o resultado mesmo. A gente tá mais em contato com o padre Ticão nesses últimos meses, né? Mas eu acho que ele é uma figura importantíssima, por que não é só o nosso coletivo que em algum momento se esbarrou com ele. Quase todos do grupo, os mais antigos, assim, uma hora fala dele, por toda a maluquice, e todas as qualidades - e ainda Padre, né? A gente brinca disso, que ainda é Padre, mas ele é uma figura, assim, que é muito articulado em Ermelino, São Miguel. Mais Ermelino, né, talvez. Mas é uma figura, assim, que vira e mexe a gente acaba trocando e sendo cobrada, né? O padre, ele tem essa característica também de falar: "Você não ia fazer tal coisa pra mim?" E você: "É, cara. Daqui a pouco eu faço".

Renata Eleutério - CPDOC Guaianás: Legal. Lá eles têm um acervo do Dom Angélico, né? Lá em Ermelino. E o padre tem um trabalho muito forte em relação a naturopatia, então a gente tá bem próximo também.

Maurício Ururay: Eu acho, tem uma história curiosa do padre Ticão, porque esse negócio do sítio Mirim é uma ambição dele, né? É um projeto de vida dele. E aí eu me lembro que teve uma época que ele foi pra o DPH e ele ia sempre lá e, pô, enchia o saco dos caras, atrás de prefeito, né? Ele tem toda essa articulação pela política e aí ele foi lá pro DPH, que é o departamento do patrimônio, né, da cidade. E aí ele levou, meu, uma cartolina: "Eu vim aqui protocolar". Aí a mulher: "Por que você trouxe uma cartolina?", "É pra você não engavetar!". (Risos) Aí ficou lá aquele negócio desse tamanho, cheio de pó, e ele assim, persistente, enchendo o saco lá... Então, ele é essa figura. Então assim resolve o problema, né? (Risos).

Renata Eleutério - CPDOC Guaianás: E conta um pouquinho, quando vocês fundaram o coletivo Ururay. Quem eram as pessoas, assim? Quais as referências que vocês tiveram para esse começo, né? Quais as referências que vocês têm hoje?

Maurício Ururay: Ó, eu peguei... eu acho que eu entrei no coletivo tinha uns 3 meses mais ou menos de conversa andada como coletivo mesmo, né, mas na época a gente tava... tinha a Patrícia e o Júlio, que estavam mais ligados ao movimento cultural Penha e a igreja do Rosário; o Altair que ainda tá com a gente, que ele também é da comunidade do Rosário; tinha o João - o João era da USP Leste, de Políticas Públicas; tinha Taís do Instituto Memórias do Brasil, que ela também tá sempre aqui; tinha o Rui que é esse cara que é um arquiteto que tá muito ligado à Biacica, que também é de São Miguel, né? E eu acho que o grupo original era esse. E eu e mais ou menos também o Márcio, que fazia parte dessas reuniões que eu comentei atrás. No começo da articulação a gente fazia reuniões no centro cultural. Depois, por um breve momento, a gente passou a fazer reuniões na Câmara Municipal por uns 6 meses mais ou menos, cinco meses. Tinha lá a possibilidade da gente ficar dentro de uma sala, aí fazia as discussões, mas assim, ainda tava muito embrionário, né, então tinha uma dificuldade de falar o que a gente quer, né? A gente entendia a necessidade de tocar um trabalho, mas tava tentando ainda organizar qual era o objeto que a gente podia ter como ambição, né? Que tipo de articulação a gente queria, se era trabalhar... tinha a Mônica também, é importante a gente lembrar que a Mônica Mantovani ela era muito ligada também à área do Turismo. Então tinha esse, tinha um eixo que era muito voltado ao turismo de base e criação de projetos e de roteiro junto com escolas, junto com Sesc, junto com outros parceiros... Tinha essa parte que era mais de pesquisa, que era um pessoal mais pesquisadores - o Lucas tá incluso nisso, né? Que tava saindo das universidade, que ele ia... já tinha os seus trabalhos de pesquisa nos territórios e tal. E tinha essa parte de... que eu vejo muito como uma parte de articulação mesmo que é o Júlio e a Patrícia, que tão mais ligado a esse trabalho aqui, no bairro da Penha.

Então dentro desses eixos a gente começou lá a tentar procurar viabilidade de recursos, até então não pensava em VAI, não pensava nesses editais, né? Então demorou um certo tempo pra se organizar assim. Até em 2016 sair então uma parceria com a USP Leste que não rolou, pra o desenvolvimento dessa pesquisa, e aí depois sim, saiu essa emenda que virou um chute inicial, assim... aquela loucura, né? Seis meses pá... já tinha muita coisa organizada, claro, né? Já tinha uma pesquisa, mas aí a gente faz aquele livro em 6 meses e põe o pé no chão, né, e fala, não agora tamo entendendo pra onde vai. Mas muito dentro dos processo assim, né? Aprendendo

como fazer mesmo, aprendendo trabalhando, e aí vem surgindo as questões, né? O trabalho funciona um pouco assim, também.

Renata Eleutério - CPDOC Guaianás: Você falou do Lucas, o Lucas também tava nessa origem?

Maurício Ururay: Sim, Lucas eu acho que ele aparece no segundo seminário que teve. Foi logo no começo. Ele tava com uma articulação mais em Itaquera, né, junto com a casa Raul Seixas lá, que tinha um pessoal que se reunia e ele também fez a tese dele de TCC, de final de graduação, voltada aos patrimônios de Itaquera. Aí foi quando ele começou a praticar melhor essa pesquisa. Mas, assim, pessoas com interesses diversos. Eu acho que tem um pouco dessa característica. Tem gente que gosta de reunião, tem gente que só pensa em trabalho por outro lado. Só que... não! tem que ter projeto, porque tem que ter projeto, papapi, papapá. E tem quem tá ali no meio que vai localizando o trabalho, entendendo o que quer.

Renata Eleutério - CPDOC Guaianás: E hoje o grupo está com quantas pessoas?

Maurício Ururay: Então, a gente tá num núcleo no que eu diria que é umas seis pessoas talvez no núcleo. Que a Patrícia saiu agora, né, mas tá o Júlio, o Altair, a Mônica, a Yasmim, que ela é lá de São Miguel também, que foi fazer mestrado, é da arquitetura e eu. Então ficaria umas cinco pessoas aí, que é o núcleo duro, né? Mas aí todas as ações a gente chama todo mundo, entendeu? Aquela coisa...

Renata Eleutério - CPDOC Guaianás: Queria que você falasse um pouco sobre o turismo. Turismo social, turismo de base. Explica pra gente como é que é isso, como é que funcionou pra vocês?

Maurício Ururay: Bom, no começo já existia uma experiência prévia de alguns integrantes do grupo por conta do Angana que era um coletivo que tinha sobre pesquisa dos territórios negros, né? Ainda existe o coletivo, só que o nosso núcleo aqui acabou saindo, que era a Patrícia, a Mônica e o Júlio. Então eles já tinham alguma experiência em relação a isso, né? Quando eu começo a me inteirar, foi lá pra 2015 mais ou menos, que aí - muito puxado pelo a Mônica, que é turismóloga mesmo, né, professora de turismo e tal -, começa a entender como pode funcionar como mecanismo de educação, né? Eu acho que ele tem uma finalidade mais educativa do que outra, diferente do Turismo comercial, que também tem o seu lugar, né, lá no começo nos primeiros seminários, tinha uma... falando em 2014 de novo, tinha uma expectativa muito grande da Copa do Mundo que, meu, a Cohab ia receber milhões de turistas, a gente tem que tá entendendo o turismo, né? Vai criar hotéis, vai criar um monte de coisa que... Me lembro até um dos folhetos do Rosário tava bilíngue ou trilíngue lá, porque a gente achou que, meu, vai

vir gringo pra caramba! Aí de repente saiu metrô que pula da Sé até Itaquera e você mora no meio, você não desce, assim. Então foi um choque de expectativa, mas eu acho que tinha muito debaixo do Turismo por conta da Copa do Mundo, dentro desse horizonte, né? Uma vez passado isso, aí a gente volta a sentir a necessidade de usar os roteiros turísticos, os roteiros de base comunitária, de turismo social, que é dentro desse guarda-chuva, como uma possibilidade parte de geração de renda, então, ó, vamo fazer um roteiro que vai passar pela Capela de São Miguel, mas também vai passar em Mulheres da Gal e lá a gente vai receber um almoço produzidas pelas mulheres e vai ter a recepção e elas conta lá, e aí a gente banca, faz um esquema pra dar tudo certo e voltado pra essas ações, né? Mas eu acho importante, assim, porque tem gente que fala, “ah, mas, eu não quero, por exemplo (eu acho que é uma característica desse trabalho): eu não quero fazer roteiro todos os dias, sabe? Eu não quero trabalhar com roteiro, ou receber 50 alunos por dia por mais que isso de dinheiro e coisa e tal”. O roteiro ele tá dentro dum conjunto de ações e ele faz uma pequena parte dentro desse trabalho. Então vamos fazer um roteiro com escola, tem dois encontros antes de sensibilização. Aí tem um roteiro com saída fotográfica. Aí a partir dessas fotografias é desenvolvida uma terceira atividade que é a produção de uma exposição na escola, sei lá, por exemplo, né? No Sesc também, às vezes tem uma formação prévia, um encontro antes e aí vai mostrar um minidocumentário e vai ter uma discussão, por que é isso, né, não é um passeio. É um momento de reflexão ali, a pessoa tem que se preparar pra isso. Você não tá de bobeira, assim, né, não vai ser pra sair e tomar um sorvete, não que não seja importante, mas que tá dentro de uma outra proposta, né?

Renata Eleutério - CPDOC Guaianás: E aí eu acho que assim, pra finalizar, você citou o Mário Chagas, né? Que outras referências, assim, você citaria que são pra vocês as intelectualidades ou que ajudam a dar um horizonte pro caminho e pro trabalho de vocês?

Maurício Ururay: Bom, além do Mário Chagas, que ele tem uma noção muito grande dos museus no cais, né, da questão também desses museus sociais, né, que ele debate muito, mais uma outra referência, assim, que também nos acompanha é o Milton Santos, né? A noção de território, que quem faz o território são as pessoas, né? Então acho que é assim fundamental sempre tá envolvendo as pessoas, né, e tentar sempre essas questões de diálogo, assim, de articulação, de ver o diferente, de entender como você pode puxar daqui e, assim, a complexidade das coisas, né? Tudo é muito complexo e tem que ser lidada dentro disso, assim.

Renata Eleutério - CPDOC Guaianás: Eu falei que era pra finalizar, mas vocês receberam alguns prêmios. Conta para gente sobre esse Prêmios.

Maurício Ururay: Bom, no ano passado, em 2019, (perdendo a noção do tempo) é, em 2019 por conta também do fomento à cultura, às periferias, desse trabalho mais contínuo, a gente conseguiu o prêmio Murilo Marx, que é um prêmio que é dado pelo DPH como um prêmio de valorização do patrimônio. Foi a terceira Edição desse prêmio, então eu acho legal assim, porque foi a primeira edição que não contemplou grupos centrais. Eu penso, assim, que dentro desses mecanismos públicos, a pressão que esses coletivos de Cultura tão fazendo a partir do seu trabalho tá começando a dar uma noção mais diversa da cidade, ainda mais numa discussão de memória e patrimônio que parece que a periferia, as regiões não centrais, elas nunca foram pensadas dentro disso, né? E é uma dificuldade danada você conversar às vezes com professores ou especialistas porque você vê que é uma visão muito limitada do centro, né?. Então, assim, foi, a princípio a gente foi escolhido e já foi um prêmio simbólico. A gente, “ah, vamo lá, né?” Mas por outro lado terminamos com uma sensação feliz de reconhecimento mesmo do trabalho, né? E aí agora a gente tá dentro da seletiva do IPHAN pra o prêmio Rodrigo Melo Franco. Tamo lá esperando as resoluções e torcendo aí pra poder, também, tá sendo reconhecido por esse trabalho desenvolvido.

Renata Eleutério - CPDOC Guaianás: Obrigada.